



ECONOMIA PARA A VIDA: UMA ALTERNATIVA ÉTICA

Luís Carlos Dalla Rosa¹

Resumo:

O estudo tem como ponto de partida o conceito de economia para a vida que se apresenta na obra do economista e teólogo Franz Hinkelammert. Nascido na Alemanha em 1931, mas radicado há mais de quarenta anos na América Latina, Hinkelammert assumiu a ética da libertação como ponto de partida de sua reflexão. A partir da teologia e de forma interdisciplinar, tendo a fenomenologia hermenêutica como caminho descritivo e interpretativo, este trabalho objetiva analisar o pensamento hinkelammertiano, apontando decorrências e alternativas possíveis para um mundo diferente, tendo em conta o mercado global que exclui e destrói a maioria da humanidade e o meio ambiente. Trata-se, por conseguinte, de abordar uma experiência e um sentido de economia ética que opta pela vida, que inspira a transformação das realidades injustas e geradoras de sofrimento.

Palavras-chave: Economia para a vida. Ética. Globalização.

Considerações Iniciais

Economia para a vida é a perspectiva ética de análise e reflexão que pretendo levar adiante no presente texto. Trata-se de investigar um conceito que se apresenta no pensamento do economista e teólogo Franz Hinkelammert. Nascido na Alemanha em 1931, mas radicado há mais de quarenta anos na América Latina, – primeiramente no Chile e, hoje, na Costa Rica –, Hinkelammert assumiu a ética da libertação como ponto de partida de sua reflexão. Autor de obras como, *As armas ideológicas da morte* (1981), *Sacrifícios humanos e sociedade ocidental* (1991), *Por uma economia para a vida* (2005), o pensador desenvolve sua reflexão a partir de um estreito diálogo entre economia e teologia. É um teólogo-economista que reflete a presença e a atuação do cristão no mundo, que sai das fronteiras visíveis da Igreja, no sentido proposto por Gustavo Gutiérrez quando diz que “a vida, pregação e compromisso histórico da

¹ Doutor em Teologia, na área de Religião e Educação. Pós-doutorando da EST, bolsista da CAPES. Contato: lcdr75@hotmail.com.

Igreja há de ser, para a inteligência da fé [teologia], um privilegiado lugar teológico”.²

A defesa da ética primeira que demanda o sentido de justiça e a responsabilidade pelo próximo, é o ponto de partida para pensar a condição de um outro mundo possível, ou outros mundos possíveis. E essa percepção está presente no pensamento hinkelammertiano que, a partir de sua inserção na realidade latino-americana, inscreve-se na perspectiva da teologia da libertação,³ a partir da qual desenvolve sua economia para a vida, uma ética da vida⁴. Porém, essa configuração ética deverá ser explicitada, que é uma das tarefas do estudo a ser empreendido. Daí a questão que se abre como tarefa investigativa: qual significado do conceito hinkelammertiano de economia para a vida e em que medida essa perspectiva se apresenta como uma alternativa possível para um mundo diferente, tendo em conta a atual realidade hegemônica de globalização excludente?

Economia para a vida

A importância do estudo da economia para a vida, como objeto de reflexão teológica, justifica-se pelo próprio modo de Hinkelammert tecer seu pensamento. Para o autor, a economia se apresenta como “ciência da produção da vida.” Por conseguinte, ela “só pode ser teológica”.⁵ O conceito hinkelammertiano de economia se desenvolve a partir da ética da libertação, desde a realidade latino-americana. Para Hinkelammert, “a orientação da teologia para a vida – o fundo da teologia da libertação – é a afirmação da esperança humana em todas as suas formas, da utopia como *anima naturaliter* cristã”.⁶ A partir dessas considerações, entendo a pertinência em estudar o pensamento hinkelammertiano, como possibilidade de apontar uma economia orientada para a vida, no sentido de que a vida deve ser dignificada e celebrada em sua plenitude. Em última instância, como reflexão e ação, significa fazer eco ao princípio da sabedoria

² GUTIÉRREZ, Gustavo. Teologia da libertação: perspectivas. Petrópolis: Vozes, 1975, p. 24.

³ HINKELAMMERT, Franz. As armas ideológicas da morte. São Paulo: Paulinas, 1983, p. 289.

⁴ Cf. DUSSEL, Enrique. Ética da libertação: na idade da globalização e da exclusão. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 260-265.

⁵ HINKELAMMERT, Franz. Pensar alternativas: capitalismo, socialismo e a possibilidade de outro mundo. In: PIXLEY, Jorge (coord.) Por um mundo diferente: alternativas para o mercado global. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 09.

⁶ HINKELAMMERT, 1983, p. 290.

semita, que diz: “escolha [...] a vida para que você e seus descendentes possam viver” (Êxodo 30.19).

Sob o modelo capitalista, além dos baixos salários, a maioria dos trabalhadores vive a insegurança quanto à manutenção de seus postos de trabalho. Em momentos de crise política, econômica e social, como se observa no atual cenário de mundo, a exclusão de trabalhadores tende a intensificar. Assim, para ilustrar, em matéria publicada pelo jornal Zero Hora, diante da alta inflacionária brasileira, há economistas que propõem o aumento do desemprego como saída, pois, como se pode entender, os donos do capital não estão dispostos em diminuir suas margens de lucro. Segundo a reportagem, que cita José Pastore e Alexandre Schwartsman, para essa linha de pensamento, “os reajustes coletivos têm alimentado a roda da alta dos preços — prevendo um dragão mais agressivo, os empregados pedem reajustes acima da inflação passada, e as empresas repassam esses custos ao consumidor”⁷. Por isso, concordando com Lima, “urge pensar em alternativas que vão além da banal sobrevivência, mas que possibilitem recriar espaços dignos de vida”.⁸ Ou seja, pensar alternativas econômicas que sejam promotoras de vida, não de sofrimento e morte. É nessa perspectiva que a economia solidária coaduna com o conceito de uma economia para a vida.

A importância de estudar a economia, implicando a dimensão ética, pode ser sinalizada a partir de Sen, quando constata que “a economia moderna foi substancialmente empobrecida pelo distanciamento crescente entre economia e ética”.⁹ O distanciamento da economia da perspectiva ética denota uma das principais deficiências do pensamento econômico contemporâneo. Dentre as consequências, está a visão economicista, em que toda a complexidade da vida é reduzida ao dado econômico. Conforme observou Boff, “até hoje [a economia] era e ainda continua sendo a realidade áxil da sociedade moderna. O desenvolvimento [é] medido pela performance econômica de cada sociedade, com sacrifício permanente das relações sociais e ecológicas”.¹⁰ Retornando a Sen, é pertinente mostrar que a “economia, como ela emergiu, pode tornar-se

⁷ FARINA, Erik. Saída para reduzir a inflação é aumentar o desemprego?. Zero Hora, Porto Alegre. Disponível em: <<http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/economia/noticia/2013/05/saida-para-reduzir-a-inflacao-e-aumentar-o-desemprego-4123377.html>>. Acesso em 06 de maio de 2013.

⁸ LIMA, Maria Isabel R. Economia solidária e vínculos. São Paulo: Ideias & Letras, 2013, p. 21.

⁹ SEN, 2008, p. 23.

¹⁰ BOFF, Leonardo. Civilização planetária: desafios à sociedade e ao cristianismo. Rio de Janeiro: Sextante, 2003, p. 24.

mais produtiva se der uma atenção maior e mais explícita às considerações éticas que moldam o comportamento e o juízo humanos”.¹¹

Crematística e oikonomia

A sociedade contemporânea vive o peso de uma economia firmada sob a lógica da crematística, termo aristotélico que indica uma concepção econômica voltada para a ânsia humana em produzir e acumular riquezas. Uma vida consagrada ao lucro, segundo Aristóteles, “é uma vida forçada, e a riqueza não é evidentemente o bem que procuramos: é algo útil, nada mais, e ambicionado no interesse de outra coisa”.¹² Para além do significado etimológico, o conceito aristotélico de crematística indica a direção de uma prática econômica que se tornou hegemônica no Ocidente e que, na contemporaneidade, foi globalizada.

Nas palavras de McChesney, “o neoliberalismo é o paradigma econômico e político que define o nosso tempo”.¹³ Trata-se de uma economia voltada para a maximização dos lucros, não importando, para isso, quais os meios empregados. Daí as diversas estratégias nocivas que exploram e degradam o meio ambiente e o próprio ser humano. Diante desse contexto, torna-se premente o resgate da função originária da economia, que, segundo Boff, “consiste em gerenciar a carência, em assegurar a satisfação de necessidades vitais, em propiciar o acesso aos bens qualitativos em realizar os desejos de cada um em solidariedade com os desejos dos outros”.¹⁴

A função originária da economia pode ser indicada pelo termo aristotélico de *oikonomia*, concepção econômica que expressa a arte de administrar a produção e o bom uso dos meios necessários para sustentar a casa (*oikos*) e, em última instância, a *polis* (cidade). É nesse sentido que se torna premente uma economia fundamentada no horizonte ético. Daí a tarefa de se resgatar a *oikonomia*, “uma economia da produção do suficiente e decente para todos, incluindo os demais seres vivos da natureza, e não uma economia da produção material ilimitada centrada apenas nos seres humanos”.¹⁵

¹¹ SEN, 2008, p. 25.

¹² ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979, p. 49.

¹³ MCCHESENEY, Robert. Introdução. In. CHOMSKY, Noam. *O lucro ou as pessoas?: neoliberalismo e ordem global*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002, p. 07.

¹⁴ BOFF, 2003, p. 25.

¹⁵ BOFF, 2003, p. 24.

Por uma economia para a vida, conforme se apresenta em Hinkelammert, indica uma possibilidade de crítica e superação de uma economia reduzida à arte de obter lucros (crematística). Ao mesmo tempo denota a ideia de que a economia deve estar a serviço da vida e não o contrário, como ocorre no atual contexto de mundo, em que há uma espécie de ditadura do econômico. Em sua obra *Por uma economia para a vida*, escrita em parceria com o economista Henry Mora, Hinkelammert defende justamente o resgate da *oikonomia*. É nessa direção que, segundo os autores, “pensamos que deveria reformular-se a economia, como uma ciência da reprodução ou sustentabilidade das condições materiais que fazem possível a vida, isto é, uma *Economia para a vida*”.¹⁶

Na medida em que a economia se volta para a vida, há o resgate do sentido ético, que Hinkelammert desenvolve de forma crítica e propositiva. No sentido crítico, sua análise se volta tanto para a economia socialista, baseada no planejamento centralizado e totalitário, como para a economia capitalista que, atualmente, apresenta-se “como a sociedade absolutamente determinante do mundo inteiro e se projeta como uma sociedade para a qual não existe alternativa”.¹⁷

Por outro lado, no viés propositivo, na linha do que propõe o Fórum Social Mundial, desde os grandes encontros de Porto Alegre, Hinkelammert assume “que seja possível um outro mundo possível, [como] resposta necessária ao mundo dominante de hoje com sua afirmação de que não existe alternativa”.¹⁸ Diante de um sistema capitalista excludente e globalizante, que se apresenta ideologicamente como única alternativa de sociedade e que não haveria, por conseguinte, alternativas, “a resposta não pode ser senão: outro mundo é possível.”¹⁹ Porém, não basta dizer que outro mundo é possível. Conforme alerta o autor, “esta resposta pode ser esvaziada, se não dissermos que mundo é este que dizemos ser possível. Pode haver a possibilidade de mundo até piores do que o mundo atual com que nos defrontamos”.²⁰ De que outro mundo possível, então, está se referindo Hinkelammert? Em suas palavras, trata-se de “um mundo no qual caibam todos”.²¹

¹⁶ HINKELAMMERT, Franz; MORA, Henry. *Hacia una economía para la vida: preludio a una reconstrucción de la economía*. San José (Costa Rica): DEI, 2005, p. 14.

¹⁷ HINKELAMMERT, 2003, p. 10.

¹⁸ HINKELAMMERT, 2003, p. 20.

¹⁹ HINKELAMMERT, 2003, p. 20.

²⁰ HINKELAMMERT, 2003, p. 20.

²¹ HINKELAMMERT, 2003, p. 20.

Todavia, é preciso ter em conta que não é qualquer coisa que cabe nesse “outro mundo possível”. De fato, pensar e propor a possibilidade de um mundo alternativo – ou mundos alternativos – à atual sociedade capitalista, para que caibam todas as pessoas e que a vida do planeta seja respeitada em sua dignidade, demanda apontar o que não cabe. “Particularmente, não cabe a atual estratégia de acumulação de capital, que os governos dos países dominantes impõem por meio do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial (BM). Para que todos caibam, está estratégia deve ser excluída.”²²

A defesa por um mundo diferente, conforme esclarece Hinkelammert, “não pode ser uma volta ao que era a construção do socialismo”.²³ Não obstante a pertinência da análise marxiana sobre a tendência capitalista à pauperização do humano e da natureza, a solução que foi levada adiante pelos movimentos socialistas revelou-se tão instrumental e opressiva quanto à alternativa da economia burguesa. Em última instância, capitalismo e socialismo são paradigmas que se complementam, embora tenham pontos de partidas diferentes.²⁴

Desse modo, em nome da superação do mercado total, a sociedade socialista se identificou com a elaboração de um planejamento centralizado, que desembocaria numa desejada associação de homens livres (sociedade comunista). De acordo com Hinkelammert, “a história da sociedade socialista é a história do seu planejamento central. O planejamento é considerado como um processo automático que por inércia realiza os objetivos de humanização que o movimento socialista tinha traçado para si”.²⁵ Em nome de uma sociedade homogeneizada e universal, o humano foi instrumentalizado e descartado.

Sobre a derrocada do socialismo, que teve seu auge simbólico em 1989, com a queda do Muro de Berlim, Hinkelammert entende que tal crise não está desconectada com a própria crise do capitalismo. “Há uma semelhança evidente entre a concepção da sociedade socialista e a conceituação que a sociedade capitalista faz de si mesma.”²⁶ No fundo, socialismo e capitalismo são expressões do processo de ocidentalização do planeta, que teve seu início a partir das grandes navegações europeias do século XVI, e se fortaleceu com a Revolução Industrial. Entende-se que “o socialismo soviético foi uma tentativa de solucionar

²² HINKELAMMERT, 2003, p. 20.

²³ HINKELAMMERT, 2003, p. 17.

²⁴ Cf. HINKELAMMERT, 2003, p. 15.

²⁵ HINKELAMMERT, 2003, p. 15.

²⁶ HINKELAMMERT, 2003, p. 17.

a crise do capitalismo nos limites da conservação da civilização ocidental moderna”.²⁷ Em outras palavras, “o socialismo soviético era a civilização ocidental em países nos quais o capitalismo não tinha sido capaz de promover a modernização industrial”.²⁸

A pauperização da terra e do ser humano, como fontes de toda riqueza, foi uma das críticas centrais de Marx em relação ao *modus operandi* do sistema capitalista. Em *O capital*, ele denunciava que “a produção capitalista só desenvolve a técnica e a combinação do processo de produção social ao minar simultaneamente as fontes de toda a riqueza: a terra e o trabalhador”.²⁹ Essa percepção crítica foi correta e, atualmente, continua válida. Porém, o sistema socialista aspirou ao mesmo progresso econômico – acumular riquezas – pretendido pela sociedade capitalista, que deteriorou a natureza e as relações inter-humanas.

Desse modo, seguindo o raciocínio de Hinkelammert, o que está em crise atualmente é o próprio modelo de civilização ocidental que foi inaugurado a partir de 1492, quando, segundo Morin e Kern, as nações do Oeste europeu (Inglaterra, Espanha, Portugal, França) “irão se lançar à conquista do Globo e, através da aventura, da guerra, da morte, suscitar a era planetária”.³⁰ Trata-se, segundo esses autores, da “idade de ferro planetária, na qual estamos ainda” e que “se inaugura e se desenvolve na e através da violência, da destruição, da escravidão, da exploração feroz das Américas e da África”.³¹ Trata-se da sociedade industrial e tecnológica que impregnou tanto o socialismo como o capitalismo.

Por isso, conforme análise de Hinkelammert, “o que enfrentamos não é apenas uma crise do capitalismo, mas também uma crise do conceito fundante da modernidade. Trata-se do conceito da harmonia inerte entre o progresso técnico e o progresso da humanidade”,³² que o esquema institucional baseado tanto no mercado (capitalismo) como no plano central (socialismo) não conseguiu dar conta. Daí que a crise contemporânea deve ser compreendida

²⁷ HINKELAMMERT, 2003, p. 17.

²⁸ HINKELAMMERT, 2003, p. 17.

²⁹ MARX, Karl. *O Capital: Crítica da economia política*. São Paulo: Nova Cultural, 1996. v.1, Tomo 2, p. 133 (Os economistas).

³⁰ MORIN, Edgar. KERN, Anne Brigitte. *Terra-pátria*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 1995, p. 21.

³¹ MORIN; KERN, 1995, p. 24.

³² HINKELAMMERT, 2003, p. 18.

enquanto “crise de civilização e não simplesmente das relações sociais de produção”.³³

Como alternativa ao capitalismo, o socialismo não correspondeu, pois resultou em instrumentalização e destruição do humano e da natureza. Porém, é preciso ter em conta que “a crítica do capitalismo feita por Marx recupera hoje toda a sua força original. Apenas que se transforma numa crítica da própria civilização ocidental”.³⁴ Sobre a importância do pensamento marxiano, dentre outros aspectos, está também a sua análise sobre o conceito de fetichismo, que é o processo de personificação da mercadoria, do dinheiro e do próprio capital. Ao mesmo tempo, o fetichismo mercantiliza as pessoas e a natureza.

A economia capitalista “não conhece direitos humanos, mas exclusivamente direitos mercantis, quer dizer, direitos de instituições. Para que o mercado viva como ideia abstrata, se destrói o ser humano”.³⁵ De acordo com Hinkelammert, a análise da fetichização das relações mercantis “é a parte da economia política de Marx que chamou menos atenção na tradição do pensamento marxista. Todavia constitui um elemento central desta análise”.³⁶ Para o atual contexto histórico, numa realidade em que “os homens [e meio ambiente] têm de morrer para que o fetiche viva,”³⁷ torna-se pertinente a análise da teoria do fetichismo.

O significado ético

O conteúdo da universalidade ética se revela a partir da vida que pulsa na concretude do humano e da natureza. Em outras palavras, a vida concreta se apresenta como sentido ético que oferece uma orientação, que expressa o desejo de uma “sociedade na qual caibam todos os seres humanos, mas igualmente a natureza externa ao ser humano. Trata-se ao mesmo tempo da concepção de um mundo no qual cabem muitos mundos e diferentes culturas”.³⁸

A expressão do desejo que seja possível um outro mundo, para o qual é preciso caminhar, “é o mundo que o sistema dominante torna impossível. É o mundo que o sistema chamado globalização exclui”.³⁹ Entretanto, desde a

³³ HINKELAMMERT, 2003, p. 18.

³⁴ HINKELAMMERT, 2003, p. 18.

³⁵ HINKELAMMERT, 2003, p. 13.

³⁶ HINKELAMMERT, 1983, p. 25.

³⁷ HINKELAMMERT, 1983, p. 85.

³⁸ HINKELAMMERT, 2003, p. 19.

³⁹ HINKELAMMERT, 2003, p. 20.

perspectiva ética, “podemos efetuar a crítica ao sistema vigente a partir do qual o imaginário do mundo no qual todos caibam”.⁴⁰ Ou seja, ao lado da dimensão crítica, implica-se a perspectiva orientativa que diz: “o mundo no qual caibam todos os seres humanas – e natureza igualmente – é uma exigência. De fato, expressa uma ética que hoje se impõe, se a humanidade quiser sobreviver. É a ética do mundo sustentável”.⁴¹

Em si, a ética não é “um projeto de sociedade, pois não tem um projeto de um sistema de instituições – sistema de propriedade, sistema político, sistema social – para implantar em função de uma sociedade em que todos caibam”.⁴² Em outras palavras, o sentido do ético não pode ser reduzido a qualquer esquema, tanto em nível de reflexão como de prática. Entretanto, no dizer de Hinkelammert, a ética “dá o critério para a constituição de instituições e um critério para criticá-las sob sua luz, mas é antes a exigência de constituir tal sistema de instituições, que permita que todos caibam”.⁴³

A partir do sentido ético, as instituições (políticas, educativas, econômicas etc.) devem estar orientadas em função da vida humana e da natureza. É a vida que deve orientar as instituições e não o inverso, como ocorreu na sociedade industrial socialista, sistema de propriedade estatal, e capitalista, sistema de propriedade privada. De fato, ambos os sistemas “não deixam liberdade diante da constituição das instituições. Elas são deduzidas de princípios abstratos, dando lugar a um humanismo abstrato que, em última análise, destrói a própria humanidade”.⁴⁴ E, do mesmo modo, destrói a natureza.

A utopia é a expressão de um imaginário de sociedade desejada pela humanidade. Trata-se de um horizonte que, como perspectiva de realização, encontra-se sempre adiante da condição humana. O imaginário – a utopia – de uma sociedade na qual caibam todos e todas é o horizonte necessário e salutar à humanidade. A partir desse imaginário, desponta o princípio que orienta os passos de uma sociedade que busca construir projetos – que inclui as instituições – de um mundo sustentável e inclusivo. A utopia está sempre adiante, sinalizando o caminho da transformação.

⁴⁰ HINKELAMMERT, 2003, p. 20.

⁴¹ HINKELAMMERT, 2003, p. 20.

⁴² HINKELAMMERT, 2003, p. 20.

⁴³ HINKELAMMERT, 2003, p. 20.

⁴⁴ HINKELAMMERT, 2003, p. 20.

Por mais que se oriente a partir da utopia desejada, um projeto é sempre algo parcial, um passo no caminho que se constrói, dia a dia, sem a imposição que desencadeia a violência e a instrumentalização. Desse modo, “um projeto correspondente ao imaginário de uma sociedade na qual caibam todos não pode ser nunca um projeto definitivo de instituições definitivas”.⁴⁵ Um projeto de sociedade, em que todos e todas caibam, não é um programa de governo, mas constitui-se em “projeto em função do qual se devem e se podem exercer pressões para se chegar a negociar programas de governo que assumam o projeto em geral ou parcialmente”.⁴⁶

Encontramo-nos diante de um contexto em que as relações de poder estão muito distantes de se orientarem pela perspectiva ética. As relações de poder que se baseiam em princípios do mercado capitalista tornam “totalmente impossível garantir um desenvolvimento sustentável para a humanidade”.⁴⁷ Entretanto, essa impossibilidade não impede e não muda a responsabilidade ética de se lutar por projetos alternativos. De certa forma, abrir mão da busca por projetos correspondentes à utopia de uma sociedade inclusiva, significaria colaborar com o atual processo de destruição que se impõe sobre a natureza e a própria humanidade. Dito de outra forma, no dizer de Hinkelammert, seria aceitar “as relações de poder [que] programam [...] o suicídio coletivo da humanidade e declaram a impossibilidade de se opor à paranoia”.⁴⁸

O processo mais visível de globalização, que tem suas raízes no século XVI, “reside na crescente interdependência de todas as economias e na integração de todos os mercados, formando o mercado total”.⁴⁹ Ao redor do mercado total, “desencadeia-se a globalização da economia, da ciência e da tecnologia, da comunicação, da informatização e das tendências dominantes da cultura central”.⁵⁰ Não se trata ser simplesmente contra ao mercado ou à globalização. A questão problemática está no modelo de mercado que se fortaleceu sob o prisma capitalista neoliberal. “Neste mercado só se entra pela competitividade, que, por sua vez, possui uma lógica excludente. Só são

⁴⁵ HINKELAMMERT, 2003, p. 20.

⁴⁶ HINKELAMMERT, 2003, p. 20.

⁴⁷ HINKELAMMERT, 2003, p. 20.

⁴⁸ HINKELAMMERT, 2003, p. 20.

⁴⁹ BOFF, 2003, p. 37.

⁵⁰ BOFF, 2003, p. 80.

competitivas as empresas e nações que utilizam as tecnologias mais avançadas, raramente passadas aos demais.”⁵¹

A solidariedade e a cooperação internacional não se sobressaem na perspectiva neoliberal. As nações excluídas, para que possam obter um lugar ao sol na lógica da globalização, devem se submeter às políticas econômicas e sociais impostas pelo mercado. Nesse contexto, as consequências sobre as populações são bem mais perversas do que no tempo da colonização, observa Boff. As individualidades, as diferenças culturais são destruídas. De fato, “a globalização transforma tudo num imenso Big Mac, o mesmo estilo de hotéis, de vestuário, de filmes, de vídeos, de música, de programas de TV”.⁵² No fim das contas, universaliza-se a ideia de que é esse o único modelo de democracia que deve imperar. E em nome dessa democracia neoliberal, fazem-se até guerras.

Se esse é o processo de globalização que tem se apresentado como hegemônico, não significa que não há outras possibilidades de se pensar e concretizar o caminho para uma civilização planetária. Porém, assim como Hinkelammert, Boff entende que os esforços para buscar uma civilização planetária, em que a vida humana e da natureza sejam acolhidas e respeitadas em sua dignidade – condição ética – não passam nem pelo individualismo capitalista nem pelo coletivismo socialista, mas sim mediante uma “democracia social e participativa”.⁵³ De fato, como conteúdo dessa democracia desejada, “precisamos fazer uma autocorreção com referência à concepção do ser humano, à integração do feminino e à aliança com a natureza. Daí podem nascer a nova espiritualidade e o fio que tudo re-liga”.⁵⁴

Ainda nas palavras de Boff, “para superarmos a crise precisamos elaborar um novo sonho e articular um novo sentido de vida”.⁵⁵ Na verdade, trata-se de resgatar a compreensão de que o ser humano “é um nó de relações, voltado para todas as direções. Isso significa que ele é pessoa, quer dizer um ser aberto (ex-istência) a dar e a receber, à participação, à solidariedade e à comunhão”.⁵⁶ É nesse sentido que podemos compor “o nosso sonho uma humanidade comunitária, participativa, solidária e espiritual”.⁵⁷ Esse é o significado de uma

⁵¹ BOFF, 2003, p. 82.

⁵² BOFF, 2003, p. 82.

⁵³ BOFF, 2003, p. 92.

⁵⁴ BOFF, 2003, p. 92.

⁵⁵ BOFF, 2003, p. 91.

⁵⁶ BOFF, 2003, p. 91.

⁵⁷ BOFF, 2003, p. 93.

democracia social e participativa, que “se abre à dimensão cósmica, pois não podemos existir sem a comunidade de vida (meio ambiente) da qual dependemos em nossa existência”.⁵⁸

Que seja possível a plena realização de uma civilização planetária, enquanto sentido de utopia, trata-se de um horizonte que está além da condição humana. Porém, como escreve Hinkelammert, é necessário “conceber utopias, pois sem elas não seria possível conhecer os limites da condição humana”.⁵⁹ A utopia provoca a realização de passos rumo a um caminho de dignificação da vida. Na linha do que escreve Boff, “o horizonte de esperança que está surgindo radica num patamar de consciência que, por sua vez, se assenta sobre uma nova experiência: a experiência de que um outro mundo é possível”.⁶⁰ Os passos que a humanidade realiza, rumo ao horizonte de esperança – utopia –, não são utópicos, mas sinalizam a construção de um caminho, como resgate do sentido da própria vida. Afinal, como diz Galeano, “a verdade está na viagem, não no porto”.⁶¹

Considerações Finais

O intuito deste trabalho foi apresentar o conceito de economia em Hinkelammert como uma perspectiva relevante e atual, tendo em conta os desafios que emergem da globalização capitalista, em que se fortalecem dinâmicas de exclusão e destruição da vida. Com efeito, a partir da economia de mercado, imprime-se a *crematística*, característica de uma economia voltada à obtenção e acúmulo da riqueza. Desse modo, o ser humano e a natureza são instrumentalizados, pois o lucro está acima de qualquer coisa, inclusive da vida.

Daí a importância de ser recuperado e ressaltado o sentido originário de economia, o qual se expressa no conceito de *eikonomia*. Trata-se de conceber a economia enquanto a arte de administrar a produção e o bom uso dos meios necessários para sustentar a casa (*oikos*) e, em última instância, a *polis* (cidade). A economia dever estar a serviço da vida. É nesse sentido que se torna premente uma economia fundamentada no horizonte ético.

⁵⁸ BOFF, 2003, p. 94.

⁵⁹ HINKELAMMERT, 2003, p. 21.

⁶⁰ BOFF, 2003, p. 111.

⁶¹ GALEANO, Eduardo. **De pernas para o ar: a escola do mundo avesso**. Porto Alere: L&PM, 1999, p. 336.

No dizer de Dussel, “a morte das maiorias exige uma ética da vida, e seus sofrimentos nos levam a pensar e a justificar a sua necessária libertação das cadeias que as prendem”.⁶² E, nesse sentido, a noção de economia para a vida que se apresenta em Hinkelammert, um economista versado em teologia, indica um caminho teórico e prático pertinente e que tem muito a dizer para a construção de uma “ética da libertação”.⁶³ Com efeito, trata-se de um paradigma alternativo à ditadura do mercado-livre, da economia firmada na ânsia pelo lucro, na exploração da natureza e do próprio ser humano. Afinal, nas palavras de Ramonet, “é tempo de reformular uma nova economia, mais solidária, baseada no princípio do desenvolvimento sustentável e que situe o ser humano no centro das preocupações”.⁶⁴

Referências

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979 (Os pensadores.)

BOFF, Leonardo. **Civilização planetária: desafios à sociedade e ao cristianismo**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

DALLA ROSA, Luís Carlos. **Educar para a sabedoria do amor: a epifania do rosto do outro como uma pedagogia do êxodo**. Tese de doutorado apresentada no Programa de Pós-Graduação em Teologia da EST, São Leopoldo, Porto Alegre, 2010.

DUSSEL, Enrique. **Ética da libertação: na idade da globalização e da exclusão**. Petrópolis: Vozes, 2002.

FARINA, Erik. Saída para reduzir a inflação é aumentar o desemprego?. **Zero Hora**, Porto Alegre. Disponível em: <<http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/economia/noticia/2013/05/saida-para-reduzir-a-inflacao-e-aumentar-o-desemprego-4123377.html>>. Acesso em 06 de maio de 2013.

GADOTTI, Moacir. **Economia solidária como práxis pedagógica**. São Paulo: EDL, 2009.

GALEANO, Eduardo. **De pernas para o ar: a escola do mundo avesso**. Porto Alegre: L&PM, 1999.

⁶² DUSSEL, 2002, p. 17.

⁶³ DUSSEL, 2002, p. 261.

⁶⁴ RAMONET, Ignacio. *Guerras do século XXI: novos temores e novas ameaças*, 2003, p. 186.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **Teologia da libertação**: perspectivas. Petrópolis: Vozes, 1975.

HINKELAMMERT, Franz. **As armas ideológicas da morte**. São Paulo: Paulinas, 1983.

_____. Pensar alternativas: capitalismo, socialismo e a possibilidade de outro mundo. In: PIXLEY, Jorge (coord.) **Por um mundo diferente**: alternativas para o mercado global. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____; MORA, Henry. **Hacia una economía para la vida**: prelude a una reconstrucción de la economía. San José (Costa Rica): DEI, 2005.

LÉVINAS, Emmanuel. **Entre nós**: ensaios sobre a alteridade. Petrópolis: Vozes, 1997.

LIMA, Maria Isabel R. **Economia solidária e vínculos**. São Paulo: Ideias & Letras, 2013.

MARX, Karl. **O Capital**: Crítica da economia política. São Paulo: Nova Cultural, 1996. v.1, Tomo 2 (Os economistas).

MCCHESENEY, Robert. Introdução. In. CHOMSKY, Noam. **O lucro ou as pessoas?**: neoliberalismo e ordem global. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

MORIN, Edgar. KERN, Anne Brigitte. **Terra-pátria**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 1995.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo. **Desafios éticos da globalização**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2002.

RAMONET, Ignacio. **Guerras do século XXI**: novos temores e novas ameaças, 2003.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

_____; KLIKSBURG, Bernardo. **As pessoas em primeiro lugar**: a ética do desenvolvimento e os problemas do mundo globalização. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

_____. Prefácio. In.: LIMA, Maria Isabel R. **Economia solidária e vínculos**. São Paulo: Ideias & Letras, 2013, p. 07-12.